

Percepção do homem sobre a paternidade no período da gestação ao puerpério

Man's perception of paternity during the postpartum gestation period

La percepción del hombre de la paternidad durante el período de gestación posparto

Recebido: 06/10/2019 | Revisado: 13/10/2019 | Aceito: 20/10/2019 | Publicado: 29/10/2019

Rogério Cruz Mendes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9339-6133>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: rogeriocruz82@yahoo.com

Hálmisson D'Árley Santos Siqueira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9831-5892>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: halmisson@yahoo.com.br

Wenderson Costa da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6031-9775>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: wendersoncosta09@hotmail.com

Layse Siqueira Costa Miranda

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5942-4666>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil.

E-mail: layse62@gmail.com

Laila da Silva Mota

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7264-3780>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil.

E-mail: lailacx@hotmail.com

Lisianne Natália Santos Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2574-399X>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: lisyaneathalia6@gmail.com

Chrisllayne Oliveira da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0844-0268>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: chris-layne10@hotmail.com

Resumo

A paternidade implica em transformações, o homem, nesse trajeto de sua vida, nunca conviveu de forma direta com as práticas de cuidar de uma mulher grávida, puérpera e, conseqüentemente, de um recém-nascido, excluindo-se de tais funções, deixando sob as responsabilidades da mulher, parentes e amigas. Assim sendo, o presente estudo teve como objetivo analisar as percepções do homem sobre suas atribuições de pai durante o período que vai da gestação ao puerpério. Trata-se de um estudo de campo exploratório-descritivo, com uma abordagem qualitativa, realizada com 11 pais nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) da cidade de São João do Sóter-MA. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada com perguntas fechadas e abertas. Os dados foram analisados de acordo com a análise de conteúdo proposta por Bardin. Quanto aos resultados, a notícia da paternidade, para alguns homens, acaba sendo uma barreira de difícil transposição, pois para estes o ato de ser pai é simplesmente ser o provedor de recursos financeiros no elo familiar. A realidade mostra que a maioria dos pais não participa de forma ativa da gestação nos primeiros dias de vida de seu filho; e na busca de compreender o momento, o pai isola-se tentando responder suas indagações. O presente estudo possibilitou evidenciar a real concepção do homem/pai perante o processo gravídico/puerperal e sugere que os enfermeiros da Atenção Primária à Saúde reflitam sobre os achados desta pesquisa. Por fim, outros trabalhos afins tornam-se necessários para que haja uma maior compreensão do tema aqui estudado.

Palavras-chave: Pai; Gestantes; Assistência de Enfermagem.

Abstract

Paternity implies transformations, the man, in this path of his life, has never lived directly with the practices of caring for a pregnant, postpartum woman and, consequently, a newborn, excluding themselves from such functions, leaving under the responsibilities of women, relatives and friends. Therefore, the present study aimed to analyze the perceptions of men about their attributions of father during the period from pregnancy to postpartum. This is an exploratory-descriptive field study with a qualitative approach, conducted with 11 parents in the Basic Health Units (BHU) of the city of São João do Sóter-MA. Data collection was performed through semi-structured interviews with closed and open questions. Data were analyzed according to the content analysis proposed by Bardin. As for the results, the news of fatherhood, for some men, turns out to be a difficult barrier to transpose, because for them the act of being a father is simply being the provider of financial resources in the family bond. Reality shows that most parents do not actively participate in pregnancy in the first days of

their child's life; and seeking to understand the moment, the father isolates himself trying to answer his questions. The present study made it possible to highlight the real conception of the man / father regarding the pregnancy / puerperal process and suggests that the Primary Health Care nurses reflect on the findings of this research. Finally, other related works are necessary for a better understanding of the subject studied here.

Keywords: Father; Pregnant women; Nursing care.

Resumen

La paternidad implica transformaciones, el hombre, en este camino de su vida, nunca ha vivido directamente con las prácticas de cuidar a una mujer embarazada, posparto y, en consecuencia, un recién nacido, excluyéndose de tales funciones, dejando bajo Las responsabilidades de las mujeres, parientes y amigos. Por lo tanto, el presente estudio tuvo como objetivo analizar las percepciones de los hombres sobre sus atribuciones de padre durante el período comprendido entre el embarazo y el posparto. Este es un estudio de campo descriptivo exploratorio con un enfoque cualitativo, realizado con 11 padres en las Unidades Básicas de Salud (BHU) de la ciudad de São João do Sóter-MA. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas semiestructuradas con preguntas cerradas y abiertas. Los datos se analizaron de acuerdo con el análisis de contenido propuesto por Bardin. En cuanto a los resultados, la noticia de la paternidad, para algunos hombres, resulta ser una barrera difícil de transponer, porque para ellos el acto de ser padre es simplemente ser el proveedor de recursos financieros en el vínculo familiar. La realidad muestra que la mayoría de los padres no participan activamente en el embarazo en los primeros días de vida de sus hijos; y tratando de entender el momento, el padre se aísla tratando de responder sus preguntas. El presente estudio permitió resaltar la concepción real del hombre / padre con respecto al proceso de embarazo / puerperal y sugiere que las enfermeras de atención primaria de salud reflexionen sobre los resultados de esta investigación. Finalmente, otros trabajos relacionados son necesarios para una mejor comprensión del tema estudiado aquí.

Palabras Clave: Padre; Mujeres embarazadas; Cuidados de enfermería.

1. Introdução

A paternidade implica na transformação que o homem adquire durante seu percurso natural da vida, fenômeno no qual o indivíduo do sexo masculino que era tido como filho

evolui e se torna pai. Nesse processo, o homem capta e assume novas atribuições, as quais caracterizam as etapas da paternidade, exigindo assim diferentes ações nunca vividas pelo indivíduo pai, desde a notícia da concepção ao longo do desenvolvimento da vida do novo ser humano (Ribeiro et al., 2015).

O momento de ser pai ultrapassa a simples evidência biológica concretizada, concede ao mesmo tempo novos desafios e inúmeras dúvidas, despertando sentimentos e inseguranças relacionados as novas responsabilidades. Pois no trajeto de sua vida, nunca conviveu de forma direta com as práticas de cuidar de uma mulher grávida, puérpera e, conseqüentemente, de um recém-nascido, excluindo-se de tais funções, deixando sob as responsabilidades da mulher, parentes e amigas (Caldeira, Ayres, Oliveira, & Henrique, 2017).

De acordo com Campanati (2015), quando indagados pela não participação no período que abrange da gravidez ao puerpério, os pais argumentam a falta de tempo, por causa do trabalho, desinteresse, desconhecimento acerca dos direitos previstos em leis, não gostam do ambiente da unidade básica de saúde e nem hospitalar, não recebem convites e muito menos incentivos pelos profissionais de saúde.

Para modificar esse cenário, os profissionais de saúde, principalmente os enfermeiros, necessitam se qualificar em nível de capacitação continuada, na busca persistente por soluções práticas e concretas, para atuar juntos aos pais no contexto que envolve a gravidez, parto e puerpério. A forma do homem perceber e interagir no convívio da gravidez ao puerpério é diferente da mulher, necessitando assim de ajuda e compreensão por parte do cônjuge e dos profissionais enfermeiros (Silva, Marcolino, Ganassin, Santos, & Marcon, 2016).

Percebe-se que o casal grávido, se estrutura melhor quando o pai e mãe partilham das conquistas e dificuldades no momento da gestação ao puerpério, pois a presença masculina torna-se um fator positivo que favorece e fortalece os vínculos entre pai, mãe e filho. Cabendo então a equipe multiprofissional de Estratégia Saúde da Família, em especial ao enfermeiro, realizar planejamentos para inserir o pai na dinâmica de todo acompanhamento assistencial à saúde da conjuge, filho e de si mesmo (Brasil, 2016).

Com base no exposto, traçou-se a seguinte problemática: qual a percepção dos homens sobre suas atribuições enquanto pais durante o período que vai desde a gestação ao puerpério?

Com base no exposto, elaborou-se o seguinte objetivo geral: analisar as percepções do homem sobre suas atribuições de pai durante o período que vai da gestação ao puerpério. E, especificamente, objetivou-se: descrever o perfil sócio demográfico dos pais; expor as concepções dos pais sobre o real significado da palavra paternidade; dimensionar o entendimento dos pais sobre a gestação e como eles participaram desse período na vida de

suas cônjuges; demonstrar a compreensão dos pais sobre o período do puerpério, e como eles participaram desse momento na vida de suas companheiras; e extrair dos pais o que eles entendem como obstáculos para sua maior participação no período que vai da gestação ao puerpério.

Assim, diante da relevância do assunto em questão, observou-se que a percepção do indivíduo do sexo masculino era diferente da mulher durante o pré-natal e puerpério. Isso despertou a descobrir os reais motivos da ausência do homem no acompanhamento assistencial à saúde da mulher, no período da gestação ao puerpério e, aos cuidados necessários oferecidos pelo pai ao recém-nascido nos primeiros 45 dias de vida. Buscou-se conhecer o porquê do afastamento dos pais durante a gestação, parto e puerpério e os prejuízos que tal exclusão, podem desencadear na saúde da mulher e bebê.

Mesmo diante das tecnologias de informações, o homem não é conhecedor e nem capaz de desenvolver um cuidado afetivo com seu cônjuge e seu bebê em desenvolvimento, durante a fase que compreende do pré-natal ao puerpério. Para o homem, ele tem apenas a função de provedor da família, na busca incansável por recursos financeiros, na perspectiva de oferecer um conforto no lar adequado a sua esposa e filho.

Este estudo almeja despertar nos homens, uma participação mais efetiva durante o pré-natal, parto e puerpério de suas companheiras, assim como incentivar os profissionais de enfermagem a realizar estratégias de planejamentos para envolver o homem no acompanhamento assistencial à saúde da mulher no período da gestação ao puerpério.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo de campo exploratório-descritivo, com uma abordagem qualitativa, realizada na Estratégia Saúde da Família sob a responsabilidade das Unidades Básicas de Saúde (UBS) do município de São João do Sóter-MA.

A escolha das UBS para essa pesquisa deveu-se ao fato de que estas prestam assistência preventiva e promoção à saúde dos usuários, e nesse caso, acompanham assistencialmente a saúde das mulheres no período da gestação ao puerpério. A princípio, o levantamento dos dados da pesquisa deveria ser realizado nas nove UBS do município. Entretanto, em quatro delas não foram encontrados indivíduos que se adequassem aos critérios de inclusão elencados nesse estudo. Limitando-se a pesquisa aos pais vinculados a somente cinco UBS.

Participaram da pesquisa 11 pais que acompanharam ou não suas companheiras durante os processos que envolvem as consultas e exames de pré-natal, trabalho de parto e as consultas da esposa e bebê no puerpério.

A enfermeira de cada UBS previamente comunicada através de ofício da secretaria de saúde, pediu ao Agente Comunitário de Saúde (ACS) responsável pela microárea que apresentasse ao pesquisador os pais selecionados. O pesquisador foi até as residências dos entrevistados, ouviu e observou o nível de companheirismo entre pai, mãe e a afinidade do casal com o filho. Os referidos participantes foram convidados a responder as perguntas do questionário de entrevista, num momento oportuno e cômodo para eles. No qual todos os entrevistados manifestaram interesse em participar da pesquisa, e em suas plenas sanidades mentais expressaram seus entendimentos e sentimentos.

Os critérios de inclusão foram homens maiores de 18 anos, pais de crianças com idade entre 45 e 120 dias, que viviam em união conjugal e que aceitaram participar da pesquisa, assinando o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Também os homens que se encontravam em condições físicas, psíquicas e emocionais para responder as devidas perguntas do instrumento de coleta.

A idade referida das crianças deu-se pelo fato de o puerpério compreender aos 45 dias pós-parto, e o limite máximo de 120 dias do nascimento do bebê foi adotado na expectativa de minimizar possíveis significações e percepções que não traduzisse a realidade da vivência desses pais durante o período da gestação ao puerpério.

Foram excluídos do estudo os pais que não se sentiam confortáveis no momento da entrevista, os que não aceitaram a utilização do gravador de voz, aqueles que não concordaram em falar do assunto em questão e também os que não assinaram o TCLE.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, fazendo uma associação de perguntas fechadas para caracterizar a população em estudo, e abertas que contemplassem o conhecimento dos homens/pais sobre sua participação no período da gestação ao puerpério. Propôs-se ao entrevistado argumentar sobre o tema em discussão, sem interferências, propostas e condições intermediadas pelo pesquisador.

Foi utilizado um aparelho de celular no aplicativo gravador de voz, para que houvesse uma transcrição fidedigna dos dados da pesquisa. A entrevista aconteceu no ambiente domiciliar somente com o pai, no momento em que o participante achou mais conveniente para fazê-la, da forma que mais lhe trouxe naturalidade e tranquilidade necessária para melhor responder aos questionamentos e, assim, traduzir seus pensamentos e percepções em palavras exatas.

Diante das entrevistas coletadas, as respostas foram selecionadas de acordo com os objetivos proposto pela pesquisa, realizou-se várias análises exaustivamente, sendo transcritas fala por fala pelo pesquisador, exatamente como foram respondidas, priorizando as respostas que melhor caracterizavam o assunto estudado. Os dados foram analisados pelo método de Análise de Conteúdo que, segundo Minayo (2010), é compreendida como um conjunto de técnicas em que através da análise das mensagens, são encontradas as respostas para as questões formuladas e também pode-se confirmar ou não as afirmações estabelecidas.

A análise de conteúdo visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição o teor das respostas, tentando compreender criticamente o sentido das mensagens, através de uma busca incessante por significações explícitas e ocultas (Bardin, 2016).

Os dados e a saturação das falas foram analisados, a partir dos seguintes procedimentos metodológicos: categorização, inferência, descrição e interpretação dos resultados (Minayo, 2010).

Efetuiu-se uma síntese categórica, priorizando os aspectos mais importantes das mensagens, reduzindo os dados repetitivos e agrupando-os em categorias temáticas, no qual chamamos de Categorização das Informações. Essas categorias temáticas foram criadas para sistematizar os resultados obtidos, são elas: A afetividade paterna; o companheirismo na gestação; as barreiras no acompanhamento do parto; o pai frente ao puerpério com o binômio mãe e filho; o sistema capitalista no elo familiar; e a ineficácia da orientação.

O projeto foi apreciado e devidamente aprovado pela Plataforma Brasil, direcionado ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UNIFACEMA, autorizado com o número de CAAE 09543019.9.0000.8007. A coleta ocorreu nos meses de abril e maio de 2019 e teve início somente após recebimento do parecer favorável.

Nesta pesquisa adotou-se em todas as fases do processo a ética e o sigilo das informações coletadas. Os participantes foram previamente informados sobre os objetivos do estudo e assinaram o TCLE, segundo os preceitos da resolução nº466 de 12 de dezembro de 2012. Publicada em 13 de junho de 2013, que revoga a resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde. Suas identidades foram resguardadas e mantidas em sigilo e os entrevistados são identificados nesta pesquisa por número.

3. Resultados e discussão

Na busca de compreender a percepção do homem sobre o pré-natal, parto, puerpério e os cuidados com recém-nascido nos primeiros 45 dias de vida, os dados foram organizados a

partir dos depoimentos dos pais participantes. No qual buscou-se entender a posição real e prática dos pais no ciclo gravídico/puerperal, tentando assimilar perante a visão dos entrevistados a sua participação assídua ou os verdadeiros obstáculos que impediam sua colaboração ativa.

3.1 Caracterização dos participantes

O instrumento de coleta de dados proporcionou a caracterização dos sujeitos da pesquisa quanto à idade, cor/raça, escolaridade, renda familiar em salários mínimos, ocupação, número de filhos e religião.

Dos 11 participantes do estudo, todos eram casados e conviviam com a companheira conjugal. A idade dos entrevistados era de 18 a 40 anos, onde nove eram de cor parda. Relacionado ao grau de instrução, sete tinham o ensino fundamental incompleto.

No que se refere a renda familiar dos pesquisados, nove possuíam até um salário mínimo, enquanto apenas dois a renda era de um a dois salários mínimos, sendo que nove pais tinham a profissão de lavrador. Relacionado ao número de filhos dos pais, quatro tinham mais de três filhos, três tinham um filho, três possuíam dois filhos e apenas um pai tinha um filho. No que concerne ao seguimento religioso dos pais, 10 relataram ser católicos não praticantes e somente um era evangélico atuante e participativo.

Cada pai participante do estudo recebeu um código, como P1, P2, P3..., a fim de garantir seu anonimato e reafirmando assim o que foi dito para os entrevistados sobre o sigilo ético da pesquisa. Para definir as categorias das análises, as mensagens foram organizadas almejando responder os objetivos do projeto, em que os pais expressavam sua compreensão sobre o assunto. As falas transcritas foram palavras expressas de forma espontânea e verdadeira, adotando para seleção as falas que mais se aproximavam dos objetivos do estudo.

Nos quadros a seguir, apresentam-se as rubricas mais encontradas nos depoimentos dos pais, de acordo com tema gerador dos questionamentos abordados.

Quadro 1 - Tema gerador “A afetividade paterna”.

ENTREVISTADOS	RUBRICAS
Pai 2	Dar apoio nas dificuldades
Pai 4	Da natureza do homem ser pai
Pai 6	Estar presente em todos os sentidos
Pai 9	Dar atenção e carinho
Pai 11	Não deixar faltar as coisas

Fonte: Pesquisa direta, 2019.

Quadro 2 - Tema gerador “O companheirismo na gestação”.

ENTREVISTADOS	RUBRICAS
Pai 5	Ficava aguardando na recepção
Pai 6	Apenas levava e buscava
Pai 8	Não acompanhava minha mulher
Pai 9	Ela que ia sozinha

Fonte: Pesquisa direta, 2019.

Quadro 3 - Tema gerador “as barreiras no acompanhamento do parto”.

ENTREVISTADOS	RUBRICAS
Pai 2	Não tenho coragem de ficar
Pai 3	A maternidade não tinha condições
Pai 9	Estaria ao lado dela

Fonte: Pesquisa direta, 2019.

Quadro 4 - Tema gerador “O pai frente ao puerpério com o binômio mãe e filho”.

ENTREVISTADOS	RUBRICAS
Pai 2	A mãe dela que cuida
Pai 6	Eu fazia tudo
Pai 8	Ficava com a mãe dela

Fonte: Pesquisa direta, 2019.

Quadro 5 - Tema gerador “O sistema capitalista no elo familiar”

ENTREVISTADOS	RUBRICAS
Pai 7	Trabalho muito
Pai 8	O trabalho me acaba

Fonte: Pesquisa direta, 2019.

Quadro 6 - Tema gerador “A ineficácia da orientação”.

ENTREVISTADOS	RUBRICAS
Pai 5	Orientasse melhor a mulher e o homem
Pai 6	Cuidar de toda família

Fonte: Pesquisa direta, 2019.

3.2 As categorias e suas descrições

3.2.1 Categoria 1: A afetividade paterna

O amor paterno acontece quando o pai procura fornecer atenção, companheirismo e carinho, desde a notícia da concepção da gestação, assim como em todas as fases de vida de seu filho. No entanto, o comportamento do homem diante da notícia que vai ser pai pode despertar várias reações, pois cada um recebe e absorve essa mensagem de forma diferente.

Alguns pais adoraram receber a notícia da paternidade, que junto com sua esposa quer conviver de perto com essa nova fase da vida. Ajudando não só no financeiro que venha a favorecer nas despesas do lar e conforto para o binômio mãe e filho, mas também sendo presente, dando atenção e carinho nos momentos de dificuldades.

Por outro lado, a notícia da paternidade para alguns homens, acaba sendo uma barreira de difícil transposição, pois para estes o ato de ser pai é simplesmente ser o provedor de recursos financeiros no elo familiar. Eles entendem o momento como algo natural, tendo esse conhecimento adquirido de seus ancestrais, e não pretendem se envolverem amorosamente nas fases que compreendem da gestação, nascimento, crescimento e desenvolvimento do filho.

“Pai é cuidar, estar presente, não é só fazer, pois qualquer um faz, pai é dar apoio nas dificuldades, coisa que não tive pois não conheci meu pai, (abaixou a cabeça)” (P 2).

“É da natureza do homem ser pai, temos que ser pai, porque Deus deixou isso, é muito bom ser pai (olhar positivo)” (P 4).

“Ser pai é estar presente em todos os sentidos, acompanhar o filho diariamente e cumprindo com as responsabilidades [...]” (P 6).

“Ser pai é o alicerce principal juntamente com a mãe, o pai ajuda não só no sustento da casa, mas também dar atenção e carinhos para os filhos [...]” (P 9).

“Pai é não deixar faltar as coisas de comer, roupas e calçados, sempre estar atrás coisas para dentro de casa [...] hoje tem muita criança pedindo esmola na rua e não quero isso para os meus filhos” (P 11).

O ato da paternidade desde os primórdios era compreendido como apenas perpetuar a espécie e cumprir com a delegação social de manter o poder financeiro para a família (Paula, Cabral, & Guimarães, 2016). Não diferente do Brasil, em Portugal até meados para o final do século XX, a obrigação do pai era ter total dominância sobre o filho e mulher, fato que as vezes fazia com que o pai usasse de meios agressivos para tal obediência (Pinheiro, 2018). Segundo Santana (2015), a evolução da família foi se reorganizando de acordo com a modernização da sociedade, isso fez o homem a mudar sua posição diante de sua esposa e filho.

Nossa sociedade passou por muitas transformações nas últimas décadas. E o comportamento do pai no âmbito familiar também sofreu inúmeras modificações (Bernadi,

2017). Segundo Carnut e Farquim (2014), isso reafirma a importância de o casal estar sempre sincronizado na criação e educação dos filhos, dividindo as funções que surgem em família. Estudos realizados em João Pessoa, na Paraíba, e em municípios do extremo sul do Brasil, demonstraram que predomina na fala dos homens as responsabilidades afetivas paternas com os filhos (Silva & Silva, 2014).

Ser pai acaba gerando uma satisfação e uma realização pessoal que proporciona uma alegria imensurável, e também resulta numa maior vinculação entre o casal (Matos, Magalhães, Féres-Carneiro, & Machado, 2017). A função do homem está se modificando, o pai passou de provedor da família para cuidador participativo nos cuidados com o filho (Nogueira, 2017). Porém, podem surgir fatores estressantes, devido às necessidades de readaptação individual, conjugal e profissional e, conseqüentemente, às demandas dos cuidados contínuos que o bebê exige (Melo, Angelo, Pontes, & Brito, 2015).

3.2.2 Categoria 2: O companheirismo na gestação

O período do pré-natal requer atenção e cuidados, nos quais a mulher tem uma rotina de consultas e exames bem assídua, e busca evitar eventuais intercorrências, para que a mãe e o futuro bebê venham a ter uma vida saudável. O casal precisa estar em harmonia para facilitar a convivência nessa fase da vida, pois as dúvidas e incertezas são gigantescas, episódio em que a mulher e o homem necessitam compartilhar as dificuldades e conhecimentos.

Porém, o sexo masculino acaba se distanciando desse momento. Segundo os argumentos deles, são vários os motivos para tal acontecimento; entre eles, a questão das atividades laborais do trabalho, o não gostar do ambiente de saúde, falta de convite por parte da esposa e dos profissionais de saúde. Por isso, na maioria dos casos, a mulher acaba assumindo sozinha a função de realizar os procedimentos de acompanhamento assistencial da gestação.

“Na gravidez a gente gasta muito com viagens, eu apenas ficava aguardando na recepção do posto ou hospital, era ela que entrava no consultório [...], não sabia que podia entrar (espanto), pensei que só nos consultórios particulares” (P 5).

“Acontece muita coisa na gravidez, a mulher se transforma, tem que estar direto no médico, as vezes eu acompanhava minha esposa, mas apenas levava e buscava ela, nunca fui convidado a entrar no consultório e também não gosto muito de médico...” (P 6).

“Na gravidez precisa de muitos cuidados, mas não acompanhava minha mulher nas consultas e nem nos exames, porque eu trabalho das 07 às 17 horas...” (P 8).

“A gravidez momento de muitas mudanças, mas nessa última gestação, não acompanhei ela nas consultas e exames, pela questão que temos outros filhos e precisava ficar em casa para cuidar deles [...], ela que ia sozinha para o posto e também para fazer os exames” (P 9).

O período da gestação envolve inúmeras dúvidas e incertezas para o casal, porém para o pai a situação gera ainda mais preocupações, diante das mudanças que sua esposa vai passar (Alves, 2015). Perante ao pré-natal, os pais não sabem que também deve se submeter as rotinas de consultas e exames, juntamente com seu cônjuge, segundo o Guia do Pré Natal do Parceiro (Brasil, 2016). De acordo com Caldeira et al. (2017) o ideal seria o pai participar da assistência à saúde durante a gravidez, pois estabelece um ato de compartilhamentos de dúvidas e conhecimentos.

Para Campanati (2015), cresce a importância de incentivos aos pais adentrarem ao consultório para também junto com a mãe ouvir as orientações e tirar as dúvidas que cercam a gravidez. Só para lembrar que o ato sexual que dá origem a gestação, é realizado pelo casal, e isso vem a salientar que as responsabilidades abordadas no pré-natal cabem aos mesmos (Cardoso, Silva-Junior, Bonatti, Santos, & Ribeiro, 2018). Na visão de Coutinho et al. (2014), a mulher durante a gravidez passa por transformações físicas, hormonais e psicológicas, necessitando assim do afeto e carinho do esposo.

De acordo com a pesquisa efetuada em Lajeados Rio Grande do Sul (RS), os pais não participavam de atividades no período do pré-natal, o pai apenas comparecia para realização dos testes rápidos e nem todos marcavam presença (Henz, Medeiros, & Salvadori, 2017). Diante do cenário, Moreira, Gomes e Ribeiro (2016), apontam que a ESF, na figura do enfermeiro possui um papel fundamental na captação do sexo masculino, na tentativa de inseri-lo na assistência ao pré-natal.

Segundo Oliveira e Mandú (2015), no estudo realizado na capital Cuiabá-MG, os profissionais de saúde mesmo no cuidado com a gestante, busca apenas efetuar ações curativas e preventivas. Para Oliveira e Sousa (2017), o acompanhamento na gravidez tem que abordar todos aspectos da vida da mulher, principalmente os laços familiares, em especial a participação paterna. Os servidores da saúde devem trabalhar com o casal, e eles devem estar juntos na ausculta cardíaca fetal e na visualização do bebê na ultrassonografia (Petito, Cândido, Ribeiro, & Petito, 2015).

3.2.3 Categoria 3: As barreiras no acompanhamento do parto

A proximidade do trabalho de parto sempre chega recheado de medo, e a mulher nessa fase final da gestação precisa ser bem orientada e cuidada, momento que ela necessita de afeto e carinho. O esposo é a figura decisiva para estar minimizando essa ansiedade de terror, vivido pela esposa no pré-parto, durante o parto e pós-parto imediato, pois o homem bem esclarecido transmite uma confiança maior para sua companheira.

Seria gratificante e importante o homem acompanhar o trabalho de parto de sua parceira. Justamente nesse episódio, a presença dele só gera confiança e tranquilidade para ela, pois o trabalho de parto acaba gerando desconfortos e dores, e a permanência do marido ao lado da mulher reduz consideravelmente os incômodos dolorosos.

No entanto, alguns pais têm a curiosidade e disponibilidade para acompanhar sua companheira na sala de parto. Mas, ainda existem várias barreiras que impedem os homens a executarem tal ação, entre elas, falta de humanização no atendimento, ausência de orientações adequadas antes do parto para que este se prepare previamente, falta de estrutura na maternidade, entre outros.

“Não tenho coragem de ficar com ela na hora de “parir”, sou fraco [...], até mesmo porque se eu ver médico ou enfermeiros maltratando ela, eu vou para cima...” (P 2).

“Nessa última gravidez, queria ter acompanhado o parto, mas os enfermeiros disseram que eu até podia ficar, mas a maternidade não tinha condição para mim ficar lá dentro...” (P 3).

“Nunca acompanhei um parto, mas gostaria porque estaria ao lado dela, dando força, carinho e ajudando nos cuidados com ela e o nenê nas primeiras horas depois do parto...” (P 9).

As rotinas aceleradas no ambiente hospitalar impedem que as mães, mesmo num momento doloroso, percebam o trabalho de parto de forma prazerosa (Almeida, Gama, & Bahiana, 2015). O Programa Nacional de Residência em Enfermagem Obstetrícia (PRONAENF) surgiu com o objetivo de qualificar enfermeiras para a assistência ao parto de risco habitual, diminuindo assim intervenções cirúrgicas (Nascimento, Arantes, Souza, Contrera, & Sales, 2015).

A Rede Cegonha formulada em 2012 surge como uma alternativa de qualificar a assistência ao trabalho de parto, humanizando o atendimento desde o acolhimento, parto e pós-parto imediato e mediato nas maternidades (Medeiros, Carvalho, Teixeira, & Lopes, 2015). De acordo com Melo et al. (2015), a gestante tem o direito a um acompanhante de sua escolha durante o trabalho de parto, assegurado pela Lei nº 11.108 em 07 de abril de 2005 do Ministério da Saúde.

Evidências científicas demonstram que um acompanhante para a gestante no pré-parto, parto e pós-parto, só favorece o contexto; e o esposo seria a pessoa ideal para executar tal função, sendo este devidamente orientado (Dodou et al., 2014). Pesquisa que abordou a presença dos pais na sala de parto numa maternidade pública em Montes Claros-MG, relatou que os pais ficaram calmos e transmitiam segurança para parceira durante o trabalho de parto (Antunes, Pereira, Vieira, & Lima, 2014).

3.2.4 Categoria 4: O pai frente ao puerpério com o binômio mãe e filho

Durante a fase do puerpério, as dúvidas são constantes, assim como na gestação. Porém, as dificuldades nesse momento duplicam, porque agora tem a mãe e filho que necessitam de cuidados intensos nos primeiros dias pós-partos. Nesse momento, a função de realizar esses cuidados são delegados a alguém. Isso depende muito do comportamento de toda família, tanto do casal como também dos avós, tias, tios e amigos.

Porém, alguns pais não assumem a função de cuidar de sua esposa e filho nos primeiros dias pós-parto, devido a determinados fatores como o trabalho, falta de conhecimentos e orientação, e também porque alguns homens dizem que isso é coisa de mulher, cuidar dela e também da criança. Dessa forma, delegando os cuidados necessários no puerpério para a própria esposa ou a alguém da família do sexo feminino e, às vezes, acaba até mesmo remunerando uma mulher para efetuar as tarefas com a esposa/puérpera e o recém-nascido.

No entanto, a responsabilidade do puerpério deveria ficar resguardada ao casal, pois é um momento íntimo principalmente para a mãe, e o esposo/pai deveria ser a pessoa ideal para fornecer os cuidados necessários com sua esposa e também para com seu filho. Porque, quando o pai executa essa tarefa, os resultados são muito gratificantes, proporcionando uma melhor relação entre o casal e, conseqüentemente, o pai acaba tendo um contato maior com o filho.

“Nos cuidados com o resguardo, a mãe dela que cuida, porque é mulher aí fica mais fácil [...], meu filho já vai fazer dois meses e eu nunca peguei nele, tenho medo de quebrar ele (sorriu), já tentaram me ensinar, mas não tenho jeito...” (P 2).

“Quando somos pai, já sabemos que criança dar trabalho, como só é eu e minha mulher, eu fazia tudo dos serviços de casa, ajudava ela no banho, banhava e ainda banho meu filho e também troco fralda (olhar de vergonha), minha esposa sempre me dizia e diz como fazer...” (P 6).

“Os cuidados com minha mulher no resguardo ficavam com mãe dela durante o dia, porque eu trabalho e a noite eu já em casa que tomava de conta dela, nenê e organização de alguma coisa dentro de casa...” (P 8).

O período do puerpério gera para a mulher ansiedades, sensibilidades e dúvidas relacionadas a ela e seu bebê, e todos ficam sem saber quem vai fornecer os cuidados para com a mãe e o recém-nascido (Souza, Souza, & Rodrigues, 2013). Segundo Andrade, Santos, Maia e Melo (2015), culturalmente, os cuidados com a mãe e filho são designados a alguém do sexo feminino. Já para Campanati (2015), os cuidados no puerpério com a díade mãe e filho deve ficar na responsabilidade do pai, pois isso melhora os laços do casal e do pai para com o bebê.

A natureza é perfeita, quando a mulher passa a ser mãe ela conhece seu filho em todos os sentidos, em especial no momento que este manifesta interesse por algo através do choro (Andrade, Baccelli, & Benincasa, 2017). Porém, Lima, Cazola e Pícoli (2017) demonstraram que o pai também deve ser participativo das necessidades do bebê, devendo saber até a hora das mamadas, levando-o para a mãe e incentivando assim a amamentação.

De acordo com Silva et al. (2016), na cidade de Caxias do Sul-RS, o casal deve participar ativamente do puerpério. No entanto, o estudo aponta que os profissionais de saúde não buscam orientar a família adequadamente. O estudo aplicado na cidade de São Francisco do Maranhão-MA torna visível que profissionais qualificados resultam numa melhor assistência ao puerpério, tanto no ambiente de saúde como no domicílio (Almeida, 2014).

Para Silva et al. (2016), devido a constante correria da sociedade moderna, isso acaba afastando a mãe e/ou o pai da fase completa do puerpério, deixando o recém-nascido sob cuidados de terceiros de sua confiança. No entanto, Maiolino e Cardoso (2014) esclarecem que existem leis que garantem que a mãe pode ficar seis meses de licença-maternidade (Lei nº 11.770/2008) e o pai fica vinte dias de licença-paternidade ao lado de sua esposa e filho no puerpério (Lei nº 13.257/2016).

3.2.5 Categoria 5: O sistema capitalista no elo familiar

Na permanente concorrência do mercado financeiro, o homem acaba sendo escravo de um sistema que preza simplesmente pelo lucro, e o trabalhador tem horário de chegada e saída, independentemente das condições de saúde biopsicossociais. Isso gera um afastamento do elo familiar, pois, devido à forte carga de trabalho, o homem/pai ao chegar no seu lar, já está esgotado fisicamente, o que conseqüentemente afeta seu psicológico, prejudicando assim uma maior dedicação amorosa aos seus entes queridos.

Mesmo o homem querendo estar mais presente nos cuidados com sua esposa do pré-natal ao puerpério e também com seu filho nos primeiros dias pós-parto, as necessidades financeiras geram uma obrigatoriedade do pai de se ausentar dessa proximidade com os membros de sua família, numa busca incessante por recursos que venham oferecer aos seus familiares um conforto no lar adequado, pois o sistema capitalista exige isso com uma rigorosidade constante.

Embora as empresas sejam obrigadas, por lei, a dispensar o trabalhador do serviço, mesmo assim os dias ainda são considerados poucos. Nesse caso, poderia se argumentar que o trabalhador autônomo ou segurador especial, nesse caso, o lavrador que não possui patrão, seria beneficiado e teria uma maior oportunidade de estar ao lado de seus consanguíneos. No entanto, isso não acontece porque também são peregrinos desse sistema que agoniza por dinheiro.

“Trabalho muito, saio cedo só chego quase a noite, quando chego estou cansado, não dar nem para pegar o nenê no colo (pensativo) [...], também porque ele já estar dormindo, e quando ele acorda, eu que estou dormindo, aí a mãe dele que olha ele...” (P 7).

“O trabalho me acaba, preciso trabalhar se não vamos morrer de fome (olhar penoso), se não fosse minha correria de serviço eu estaria mais perto e ajudando minha mulher e meu filho...” (P 8).

Quando surgiu a organização da produção do sistema capitalista, houve várias transformações e adaptações na sociedade e no elo familiar. Tais mudanças foram muito significantes. O homem trabalhava para manter a família e a mulher cuidava do lar e dos filhos (Biroli, 2014). Sabe-se que todo sistema possui seus altos e baixos, e no capitalismo não foi diferente, pois com a modernização, a mulher se inseriu no mercado de trabalho, e

isso resultou com que o pai passasse a ser o responsável pelos cuidados com a casa e os filhos (Bernadi, 2017).

No entanto, mesmo no século XXI, observou-se que a mulher em sua maioria continua sendo a responsável pelo lar e os cuidados para com os filhos. Enquanto o homem cumpre o papel de provedor da família, isso se concretiza principalmente na atividade laboral de lavrador (Moraes, 2013). O pai oferece algum cuidado quando está desocupado, e a mãe ocupada com alguma tarefa, lembrando que quando isso acontece é de forma momentânea (Martins, Abreu, & Figueredo, 2014).

O pai mesmo exausto do trabalho deve oferecer atenção e carinho à esposa e filho, pois a doação de amor e carinho renova as energias do ego humano (Monteiro, 2013). É evidente que alguns pais, ainda que seja a minoria, buscam interagir com o filho. Mesmo cansados das atividades laborais, acabam dedicando e participando das brincadeiras do filho (Reis, 2014).

3.2.6 Categoria 6: A ineficácia da orientação

Quando a mulher recebe a notícia de certeza de uma gestação, as dúvidas e incertezas já começam a surgir automaticamente, mesmo sendo mãe. Mas, uma gravidez nunca será igual a anterior. Nesse sentido, o pai, por não ser participativo, vê-se diante de uma situação na qual não tem a mínima noção de como se comportar para tentar ajudar sua companheira. Assim sendo, precisa urgentemente de esclarecimentos e, é claro, de forma gradativa.

A inserção do pai no pré-natal nas rotinas de consultas, palestras e exames no serviço público de saúde é bastante defasada, tanto pelo desinteresse do homem como também pelo não interesse dos profissionais de saúde em convidá-lo a participar desse momento. As equipes multiprofissionais dos ambientes de saúde esquecem que a mulher não gerou um filho sozinha, teve a participação do homem nesse acontecimento, fato que requer responsabilidade de ambas as partes.

Os profissionais de saúde deveriam trabalhar melhor com o casal grávido e não somente com a mulher, porque se existe um convívio conjugal, então as conquistas e dificuldades devem ser compartilhadas. O trabalhador da saúde necessita dessa capacitação para aderir a participação paterna no ciclo grávido/puerperal, gerando assim uma maior aproximação do casal e, conseqüentemente, uma afinidade com o recém-nascido.

“Era bom se os trabalhadores da saúde, orientasse melhor a mulher e o homem, porque se acontecer alguma coisa, a gente tem pelo menos uma noção do que fazer [...], porque os problemas só acontecem a noite e aí estamos só nós...” (P 5).

“Gosto de estar perto de minha mulher e meu filho, mas vejo que os médicos e enfermeiros, as pessoas que trabalham no posto, não se importam com pai, só querem oferecer cuidados e orientação para mãe e o bebê [...], esses trabalhadores deveriam ser mais humanos e cuidar de toda família juntos...” (P 6).

A orientação é o marco decisivo quando se busca trabalhar com prevenção e promoção da saúde do ser humano, na tentativa de evitar sérias consequências e menos custos financeiros para a União (Coutinho, Barbieri, & Santos, 2015). Para qualificar o atendimento, o Ministério da Saúde implantou a Política Nacional da Humanização-PNH em 2003, objetivando capacitar os profissionais da área na perspectiva de humanizar o serviço de saúde (Freitas & Ferreira, 2016).

A assistência à gravidez no pré-natal, parto e puerpério tornou-se um dos propósitos da PNH, qualificando os profissionais e criando estratégias para a adesão da gestante (Gonçalves, Souza, Amaral, Oliveira, & Ferreira, 2013). Segundo Moreira, Carvalho e Oliveira (2016), a assistência à gestante tem o enfermeiro como o gestor criativo e resolutivo para captar, atender e orientar aos futuros pais, quanto aos desafios que possam surgir durante as fases da gravidez.

Para Ribeiro, Gomes, Silva e Cardoso (2015), o atendimento do pré-natal ao puerpério deve acontecer com o casal e não apenas com a mulher, pois o homem também é parte integrante da família. Os profissionais de saúde buscam apenas orientar a mulher quanto ao pré-natal e tudo que envolve as expectativas para o parto e puerpério e esquecem do pai (Rodrigues, Covos, Covos, & Rodrigues, 2018). De acordo Duarte et al. (2014), a equipe multiprofissional da Atenção Primária à Saúde deve envolver o casal no ciclo grávido/puerperal.

4. Conclusão

A importância da participação paterna no ciclo grávido/puerperal vem sendo a cada dia mais debatida no âmbito dos serviços de saúde, pois é bem verídico que o pai também deve ser assistido no pré-natal, parto e puerpério ao lado de sua esposa. No homem que recebe a notícia de que será pai, inúmeros sentimentos são eclodidos, onde dúvidas, incertezas e

ansiedade afetam a figura paterna. E a realidade mostra que a maioria dos pais não participa de forma ativa da gestação nos primeiros dias de vida de seu filho. E na busca de compreender o momento, o pai se isola tentando responder sozinho suas indagações.

A inserção do sexo masculino no ciclo que abrange da gestação ao puerpério, só fortalece os laços da tríade pai, mãe e bebê. E os profissionais de saúde, em especial os enfermeiros, são os responsáveis por tentar mudar esse contexto, inserindo o homem no assistencialismo à saúde da esposa e do filho. O enfermeiro deve adotar estratégias coerentes para fazer com que o casal grávido seja participativo nas consultas, exames e palestras educativas.

O contexto que envolve todo ciclo grávido/puerperal exige uma participação assídua do casal. Diante disso, o profissional de enfermagem deve planejar e executar ações condizentes com o momento. Para mudar esse cenário em que o marido não acompanha sua esposa nas rotinas de assistência à saúde, o enfermeiro pode realizar busca ativa e convidar os pais a se fazerem presentes na dinâmica que circunda da gestação ao puerpério.

Destaca-se como limitações, o fato do município no qual o estudo aconteceu possuir uma área rural extensa, provocando um grande deslocamento do pesquisador para realizar a busca pelos participantes. No período da coleta de dados observou-se que a maioria dos homens manifestavam pequenas restrições a participar da pesquisa, pois eles se julgavam culpados.

Vale ressaltar que os objetivos traçados nesse estudo foram alcançados. Outros estudos pertinentes devem ser realizados, na tentativa de ratificar ou aprimorar estas considerações, podendo até mesmo adotar outras metodologias não exploradas nessa pesquisa. No entanto, a presente análise demonstra a real concepção do homem/pai perante o processo gravídico/puerperal e sugere que os enfermeiros da Atenção Primária à Saúde necessitem refletir sobre os achados desta pesquisa.

Referências

Almeida, N. M. S. de. (2014). *Promoção, prevenção e assistência a mulher no puerpério em São Francisco do maranhão* (Monografia), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

Almeida, O. S. C., Gama, E. R., & Bahiana, P. M. (2015). Humanização do parto: a atuação dos enfermeiros. *Revista Enfermagem Contemporânea*, 4(1), 79-90.

- Alves, C. V. M. (2015). *Interação Paterna durante a gestação: Revisão Bibliográfica* (Monografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão - FACEMA, Caxias-MA.
- Andrade, C. J., Baccelli, M. S., & Banincasa, M. (2017). O vínculo mãe-bebê no período de puerpério: uma análise WINNICOTTIANA. *Revista do Nesme*, 14(1), 1-3.
- Andrade, R. D., Santos, J. S., Maia, M. A. C., & Mello, D. F. de. (2015). Fatores relacionados à saúde da mulher no puerpério e repercussões na saúde infantil. *Escola Anna Nery*, 19(1), 181-186.
- Antunes, J. T., Pereira, L. B., Vieira, M. A., & Lima, C. A. (2014). Presença paterna na sala de parto: expectativas, sentimentos e significados durante o nascimento. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 4(3), 536-545.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: edições 70.
- Bernardi, D. (2017). Paternidade e cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos. *Psic. Rev.*, 26(1), 59-80.
- Biroli, F. (2014). *Família: Novos Conceitos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Brasil. (2016). *Guia do Pré-natal do Parceiro para Profissionais de Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/agosto/11/guia_PreNatal.pdf.
- Caldeira, L. A., Ayres, L. F. A., Oliveira, L. V. A., & Henriques, B. D. (2017). A visão das gestantes acerca da participação do homem no processo gestacional. *Revista de Enfermagem do Centro-oeste Mineiro*, 7, 1-10.
- Campanati, F. L. S. (2015). *Participação paterna no ciclo gravídico puerperal: Vivências e sentimentos* (Monografia). Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia, Ceilândia - DF.

Cardoso, V. E. P. S., Silva-Junior, A. J. da, Bonatti, A. F., Santos, G. W. S. dos, & Ribeiro, T. A. N. (2018). The Partner's Involvement in the Prenatal Routine Through the Pregnant Women Perspective / A Participação do Parceiro na Rotina Pré-Natal Sob a Perspectiva da Mulher Gestante. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, 10(3), 856-862.

Carnut, L., & Faquim, J. (2014). Conceitos de família e a tipologia familiar: aspectos teóricos para o trabalho da equipe de saúde bucal na estratégia de saúde da família. *J Manag Prim Health Care*, 5(1), 62-70.

Coutinho, E. C., Silva, C. B. da, Chaves, C. M. B., Nelas, P. A.B., Parreira, V. B.C., Amaral, M. O., & Duarte, J. C. (2014). Pregnancy and childbirth: What changes in the lifestyle of women who become mothers?. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(spe2), 17-24.

Coutinho, L. R. P., Barbieri, A. R., & Santos, M. L. M. dos. (2015). Acolhimento na Atenção Primária à Saúde: revisão integrativa. *Saúde Debates*, 39(105), 514-524.

Dodou, H. D., Rodrigues, D. P., Guerreiro, E. M., Guedes, M. V. C., Lago, P. N. do, & Mesquita, N. S. de. (2014). A contribuição do acompanhante para a humanização do parto e nascimento: percepções de puérperas. *Escola Anna Nery*, 18(2), 262-269.

Duarte, M. R., Chrizostimo, M. M., Christovam, B. P., Ferreira, S. C. M., Souza, D. F. de, & Rodrigues, D. P. (2014). Atuação do Enfermeiro no controle de infecção puerperal: revisão integrativa. *Rev. Enferm. UFPE on line*, 8(2), 433-41.

Freitas, F. D. S. de; Ferreira, M. A. Saberes de estudantes de enfermagem sobre a humanização. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 69(2), 282-289.

Gonçalves, I. T. J. P., Souza, K. V., Amaral, M. A., Oliveira, A. R. S. de, & Ferreira, W. F. C. (2013). Prática do acolhimento na assistência pré-natal: limites, potencialidades e contribuições da enfermagem. *Rev Rene*, 14(3), 620-9, 2013.

Henz, G. S., Medeiros, C. R. G., & Salvadori, M. A. (2017). Inclusão paterna durante o pré-natal. *Rev. Enf. e atenção à saúde*, 6(1), 52-56.

Lima, J. P., Cazola, L. H. O., & Pícoli, R. P. (2017). A participação do pai no processo de amamentação. *Cogitare Enfermagem*, 22(1), 1-7, 22.

Maiolino, I., & Cardoso, L. (2014). A prorrogação da licença-maternidade considerações sobre a lei 11.770 de 2008. *Caderno Virtual*, 2(29), 1-17.

Martins, C.A., Abreu, W. J. C. P. de, & Figueiredo, M. C. A. B. de. (2014). Tornar-se pai e mãe: um papel socialmente construído. *Revista de Enfermagem Referência, serIV*(2), 121-131.

Matos, M. G. de, Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T., & Machado, R. N. (2017). Construindo o Vínculo Pai-Bebê: Uma Experiência dos Pais. *Psico-USF*, 22 (2), 261-271.

Medeiros, M. S. M. F., Carvalho, J. B. L., Teixeira, G. A., & Lopes, T. R. G. (2015). Humanização do trabalho de parto e nascimento: aplicação de estratégias não farmacológicas efetivas nesse processo. *Rev. Enferm UFPE On Line*, 9(7), 9133-9138.

Melo, R. M. de, Angelo, B. H. B., Pontes, C. M., & Brito, R.S. de. (2015). Conhecimento dos homens sobre trabalho de parto e parto. *Escola Anna Nery*, 19 (3), 454-459.

Mimayo, M. C. S., Deslandes, S. F., Cruz-Neto, O., & Gomes, R. (2010). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 21 ed. Petrópolis: Vozes.

Monteiro, E. (2013). *Cadê o pai dessa Criança?: Paternidade em tempos difíceis*. São Paulo: Summus Editorial.

Moraes, R. P. de. (2013). Família: uma construção histórica. *PPGSS/PUCRS*, 1-8.

Moreira, M.C. N., Gomes, R., & Ribeiro, C. R. (2016). E agora o homem vem?! Estratégias de atenção à saúde dos homens. *Cadernos de Saúde Pública*, 32(4), 1-10, 2016.

- Moreira, M. A., Carvalho, L. L. de, & Ribeiro, P. S. (2016). Percepção de gestantes sobre a atuação da enfermeira na assistência pré-natal: estudo analítico. *Arq. Ciênc. Saúde*, 23(1), 78-82.
- Nascimento, R. R. P. do, Arantes, S. L., Souza, E. D. C. de, Contrera, L., & Sales, A. P. A. (2015). Escolha do tipo de parto: fatores relatados por puérperas. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 36(spe), 119-126.
- Nogueira, C. A. (2017). *O pai e profissional no mundo contemporâneo: benefícios e conflitos da paternidade na carreira* (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Economia Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Oliveira, D. C., & Mandú, E. N. T. (2015). Mulheres com gravidez de alto risco: experiências e percepções de necessidades e cuidados. *Escola Anna Nery*, 19 (1), 93-101.
- Oliveira, T. M. S., & Souza, F. M. L. C. (2017). A participação do pai no ciclo gravídico puerperal. *Revista Cultural e Científica do Unifacex*, 15(1), 1-10.
- Paula, U. N. de, Cabral, H. L. T. B., & Guimarães, D. N. (2016). A intervenção do estado no poder familiar. *Revista Científica Interdisciplinar*, 1(1), 99-191.
- Petito, A. D. C., Cândido, A. C. F., Ribeiro, L. O., & Petito, G. (2014). A importância da participação do pai no ciclo gravídico puerperal: uma revisão bibliográfica. *Revista Eletrônica da Faculdade de Ceres*, v. 4, p.1-14.
- Pinheiro, J. D. (2018). Perspectivas de evolução do Direito da Família em Portugal. *Textos de Direito da Família*, 347-366.
- Reis, J. V. S. (2014). *Onde está o pai?: O lugar do homem em famílias "Matrifocais" pobres na cidade de São Paulo* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Ribeiro, J. P., Gomes, G. C., Silva, B. T. da, Cardoso, L. S., Silva, P. A. da, & Strefling, I. S. S. (2015). Participação do pai na gestação, parto e puerpério: refletindo as interfaces da assistência de enfermagem. *Rev Espaço Para Saúde*, 16(3), 73-82.

Rodrigues, F. R., Covos, J. S., Covos, J. F., & Rodrigues, B. C. (2018). Pré-natal humanizado: estratégias de enfermagem na preparação para o parto ativo. *Revista Saúde em Foco*, 9(10), 89-100.

Silva, B. T. da, & Silva, M. R. S. da. (2014). necessidades e preocupações dos pais em diferentes etapas do ciclo vital. *revista brasileira de enfermagem*, 67(6), 957-964.

Silva, E. M da, Marcolino E., Ganassin, G. S., Santos, A. L dos, & Marcon, S. S. (2016). Partner participation in mother and son care: perception of puerperal women. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, 8(1), 3991-4003.

Souza, B. M. S., Souza, S. F. de, & Rodrigues, R. T. S. (2013). O puerpério e a mulher contemporânea: uma investigação sobre a vivência e os impactos da perda da autonomia. *Rev. SBPH*, 16(1), 106-184.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Rogério Cruz Mendes – 16%

Hálmisson D'Árley Santos Siqueira – 14%

Wenderson Costa da Silva – 14%

Layse Siqueira Costa Miranda – 14%

Laila da Silva Mota – 14%

Lisianne Natália Santos Silva – 14%

Chrisllayne Oliveira da Silva – 14%